



# 1 *Fragmentação e incerteza no código amoroso contemporâneo\**

*(Fragmentation and uncertainty in the contemporary love code)*

\*Recebido em:  
13/08/2021  
Aprovado em:  
04/11/2021

**Mauricio Piatti Lages\*\***

*“A paixão amorosa é um delírio; mas o delírio não é estranho; todo o mundo fala dele, já está domesticado. O que é enigmático é a perda do delírio: voltamos a quê?” (BARTHES, 2003, pg. 185-186)*

\*\* Doutorando do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Membro dos grupos de pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento (CMD) e Mobilidades: Teorias, Temas e Métodos (MTTM). ORCID: 0000-0001-5359-6571. E-mail: murucopl@hotmail.com



**Resumo** – Este artigo investiga as transformações recentes do amor como código ou modelo cultural generalizado. Qual o legado do romantismo amoroso na atualidade? Que concepções de amor estão substituindo o amor romântico e sua poética de idealização? À luz dessas questões, as teorias de Zygmunt Bauman e Anthony Giddens sobre o amor são aqui interpretadas como antagônicas e, ao expressarem os valores vigentes na sociedade atual, manifestam tensões insolúveis. Em diálogo com Niklas Luhmann, procuro apreender tais tensões dentro da própria história do código amoroso, à medida que o ideal do amor como paixão é problematizado e se distancia da concepção atualmente predominante de amor. Sob a influência do ethos terapêutico, o amor é cada vez mais tratado como um problema prático e relativo à partilha de intimidades. Em suma, o artigo se propõe a construir uma visão teórica de síntese sobre os novos processos de construção cultural do amor.

**Palavras-chave:** amor; mediação cultural; intimidade; paixão; teoria social contemporânea

**Abstract** – This article investigates the recent transformations of love as a code or generalized cultural model. What is the legacy of romanticism today? Which conceptions of love are replacing romantic love and its poetics of idealization? In light of these questions, the theories of Zygmunt Bauman and Anthony Giddens about love are here interpreted as antagonistic and, by expressing the values of contemporary society, they manifest insoluble tensions. In dialogue with Niklas Luhmann, I try to apprehend such tensions within the history of the love code itself, as the ideal of passionate love is problematized and detaches itself from the currently predominant conception of love. Under the influence of the therapeutic ethos, love is increasingly treated as a practical problem and related to the exchange of intimacies. In short, the article proposes a theoretical synthesis of the new processes of cultural construction of love.

**Keywords:** love; cultural mediation; intimacy; passion; contemporary social theory



1. Você ama? *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 abril 2020.

O amor é, antes de qualquer coisa, uma encruzilhada semântica. Enquanto modelo cultural, ele comporta múltiplas tradições, normas e crenças que orientam o sentir e o agir humano. Pode ser o amor entre pais e filhos, entre amigos, dirigido a Deus, aos miseráveis, amor conjugal, extraconjugal, e assim por diante. Seria difícil, senão impossível, enumerar todas as suas correntes e significados de modo satisfatório. Mesmo quando se restringe ao amor dos casais, diferentes semânticas foram se aglutinando na história recente em torno do que esse amor a dois significa, sendo a *paixão* talvez o seu complexo de maior influência.

Invenção dos séculos XVIII e XIX, o amor romântico é uma das grandes heranças da era burguesa no Ocidente. Com a figura do casal apaixonado, ele oferece uma espécie de ancoradouro para as concepções de amor anteriores (COSTA, 2005; LUHMANN, 1998; SIMONNET *et al.*, 2003), na medida em que traz um efeito persistente e retroativo de universalidade a partir do qual os amores do passado – Helena e Páris, Cleópatra e Marco Antônio, Tristão e Isolda, Romeu e Julieta – são erroneamente reconhecidos como idênticos aos atuais (COSTA, 1998, pg. 13).

Não obstante a pretensão universal, o amor continua sofrendo modificações históricas que não

se deve ignorar. O amor idealizado do casal apaixonado – herdeiro da literatura romântica europeia – é hoje frequentemente relativizado em nome da sanidade psicológica, do equilíbrio emocional e da gestão cotidiana da vida em casal. Em sua coluna de jornal, o filósofo e intelectual midiático Leandro Karnal escreveu o seguinte: “Desconfio muito do amor inflamado, do amor que não existe sem a outra parte, de pessoas casadas com uma essência sem elaborar a existência. [...] O amor real é uma disposição interna que vive na prática diária”.<sup>1</sup> Reflexões como essa abundam na era atual, colocando em xeque algumas certezas do ideal romântico ainda amplamente propagado em filmes, *romances* e canções populares. De um ponto de vista sociológico, duas questões vêm à tona com toda a força. Qual o legado do romantismo amoroso na atualidade? Que concepções de amor estão substituindo o amor romântico e sua poética de idealização?

Para interpelar essas questões, dividirei o artigo em três seções. Primeiro, farei uma breve análise contrastiva de dois dos principais teóricos do amor contemporâneo, os sociólogos Anthony Giddens e Zygmunt Bauman. Por serem radicalmente distintas, suas posições podem ser tomadas como ilustrativas de duas formas divergentes de pensar e sentir o



amor. Levando em conta a observação epistemológica de Max Weber (2006), tomarei os autores não só como formuladores de modelos analíticos, mas como pessoas comuns que, concomitante ao olhar científico, mobilizam seus valores pessoais em suas teorias – o que não necessariamente desqualifica a “objetividade” das mesmas. À vista disso, os livros *A transformação da intimidade*, de 1992, e *Amor líquido*, de 2003, além de fornecerem excelentes diagnósticos, apontam para valores e imagens caras ao tempo presente.

Em seguida, irei tratar do conceito de “amor como paixão” do sociólogo Niklas Luhmann. Em seu modelo, o amor é tomado como um código comunicativo que cumpre a função de coordenar e facilitar a troca de intimidade enquanto fenômeno generalizado, independente das características sociais dos amantes. No interior desse código, institucionalizado nas sociedades modernas entre os séculos XIX e XX, estaria hoje contida a contradição entre as concepções éticas e amorosas observadas em Bauman e Giddens, além de outras semânticas acumuladas ao longo do tempo. Por fim, abordarei os dilemas que o código amoroso enfrenta em seu momento atual, ao comportar, em seu próprio núcleo, injunções e valores tão contraditórios.

## 1. Versões antagônicas do amor

Em *Amor líquido*, a tese central de Bauman (2004) é a de que as pessoas estão perdendo a capacidade de estabelecer vínculos duradouros, em grande parte devido à influência exercida pelo padrão da relação entre consumidores e mercadorias, baseado na lógica do uso e do descarte. O “estilo de vida consumista” foi, nas sociedades líquidas, transposto para o universo das relações afetivas entre indivíduos, que passam a ser tratados como objetos de utilidade temporária, descartáveis (2004, pg. 96).

Em sua teoria, Bauman diferencia os conceitos de amor e desejo. O amor, embora marcado pela vontade de possuir, exhibe uma natureza profundamente ética, que procura não aniquilar o Outro, mas preservá-lo em sua singularidade através do “cuidado recíproco”. Um cuidado que é também “criativo”, sublinha o autor, já que ao se abrirem ao destino, os amantes se empenham em criar conjuntamente algo no mundo. Em suas palavras, o amor:

É a vontade de cuidar, e de preservar o objeto cuidado. Um impulso centrífugo, ao contrário do centrípeto desejo. Um impulso de expandir-se, ir além, alcançar o que ‘está lá fora’. Ingerir, absorver e assimilar o sujeito



no objeto, e não vice-versa, como no caso do desejo. [...] *O eu que ama se expande doando-se ao objeto amado.* Amar diz respeito a autossobrevivência através da alteridade. E assim o amor significa um estímulo a proteger, alimentar, abrigar; e também à carícia, ao afago e ao mimo, ou a – ciumentamente – guardar, cercar, encarcerar. (BAUMAN, 2004, pg. 24)

Como toda empreitada humana, a trajetória amorosa é carregada de riscos e tragédias. Aqueles que não têm medo de enfrentá-los estão dispostos a lutar para construir algo mais duradouro, que transcenda a pura satisfação imediata. Inspirado nos filósofos Levinas e Løgstrup, Bauman enfatiza esse caráter ético do amor, regido pelo ideal não da fusão, mas da “intransponível dualidade dos seres” (2004, pg. 22) e da “responsabilidade moral pelo Outro” (pg. 112).

O *desejo*, por outro lado, é a vontade de consumir, “absorver, devorar, ingerir e digerir – aniquilar” a sua própria fonte (2004, pg. 23). Se para o autor até mesmo o desejo deveria ter o seu tempo de maturação, isso não acontece na modernidade líquida, que produz subjetividades sem paciência, abandonadas aos impulsos (2004, pg. 27). Falta aos indivíduos contemporâneos, lamenta Bauman, exatamente a habilidade de fazer a coisa funcionar, ou

o amor como capacidade de aceitar os riscos e de assumir responsabilidades de longo prazo – inclusive para desenvolver e cultivar os próprios desejos na troca com o outro.

Nas sociedades atuais, os relacionamentos passam a ser tratados como “conexões”, “redes” ou “relações virtuais” que podem ser desfeitas a qualquer momento: “sempre se pode apertar a tecla de deletar”, diz um entrevistado de vinte e oito anos a Bauman (2004, pg. 13). Como decorrência, a antiga metáfora dos “laços de convivência”, ou *bonds*, perdeu espaço e fala-se cada vez menos na entrega e abnegação necessárias à construção duradoura do afeto.

É possível inferir na teoria de Bauman uma concepção de amor mais próxima da romântica, como quando ele define o amor como “uma rede lançada sobre a eternidade” (2004, pg. 25). Essa concepção é mobilizada contra o que ele chama de “triunfo do mercado”, do *homo oeconomicus* e do *homo consumens*, com pretensas soluções fáceis e de satisfação instantânea. Muito embora o “amor líquido” esteja substituindo o amor do “até que a morte nos separe”, que era ligado às antigas estruturas de parentesco, ainda há espaço de jogo para reinventar e resgatar o seu aspecto essencialmente ético – seja no âmbito dual ou no coletivo. Essa é a proposta interpretativa,



mas também propositiva de Zygmunt Bauman:

Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor. (BAUMAN, 2004, pg. 21).

Em seu diagnóstico, Anthony Giddens (1993) aponta que os relacionamentos atuais tendem a ser pautados pela maior liberdade de escolha e pela maior igualdade entre homens e mulheres. O autor também coloca que a família e o casamento deixaram de servir exclusivamente aos interesses da lei, da tradição e de outras normas coletivas. O indivíduo – autônomo e autorreflexivo – é quem passa a ditar a regra em uma sociedade “pós-tradicional” (GIDDENS, 2012), isto é, com quem ele pode se relacionar e quando interromper ou não a relação amorosa. Não à toa, a divulgação das taxas de divórcio, fenômeno moderno por excelência, funciona como uma espécie de tomada de consciência nessa direção, reiterando a flexibilidade das relações e contribuindo, por sua vez, para redefinir a própria ideia de relacionamento (GIDDENS, 2007, pgs. 61-75).

Enquanto Bauman critica o processo de individualização em curso, em nome do resgate de uma ética da responsabilidade recíproca, Giddens exalta o mesmo processo, só que mediante outros critérios analíticos e valores. Para Giddens, a “democratização do domínio interpessoal” (1993, pg. 11), que se realizou paulatinamente ao longo dos últimos três séculos, transformou o amor em parte do “projeto reflexivo do *self*”. E se o casamento, no sentido tradicional, era caracterizado por papéis fixos, assimetrias de gênero e respondia a fatores externos ao casal apaixonado – como Deus, natureza, destino, sociedade, reprodução –, as decisões de união conjugal na época atual não são mais tão fortemente determinadas por fatores externos ao amor. Como resultado, os indivíduos ganharam a liberdade para gerir as suas próprias vidas e para casar de acordo com critérios inteiramente pessoais (ver também LUHMANN, 1998, pg. 138; DEL PRIORE, 2007).

Já é possível ver um lampejo desse processo de individualização do amor no clássico *Romeu e Julieta*, de 1597. A peça escrita por William Shakespeare, ao narrar o amor entre membros de famílias rivais de Verona, é uma das primeiras expressões literárias do rompimento afetivo com a ordem tradicional e do avanço da “liberdade individual frente à lógica social”



2. É importante dizer que Giddens está se referindo, em grande medida, à experiência de mulheres brancas ocidentais de classes médias e altas.

(CASTRO; ARAÚJO, 1977, pg. 158). Todavia, como não havia condições naquele momento histórico para que a promessa de uma paixão insensata pudesse se concretizar, resulta um destino trágico para os amantes: “Um veneno lhe deu descanso eterno” (SHAKESPEARE, 2011, pg. 134). Nos séculos que se seguiram, a liberdade de escolha conjugal foi sendo progressivamente institucionalizada no Ocidente e, na época presente, não mais provoca os mesmos conflitos entre indivíduo e sociedade.

Na modernidade tardia descrita por Giddens, os relacionamentos são “interações que têm de ser constantemente negociadas e cuidadas”, citando trecho do romance *Before she met me* (GIDDENS, 1993, pg. 17). Houve uma transição na ética da vida pessoal como um todo. As relações não são mais ditadas pela assimetria entre os parceiros ou pelo “padrão duplo” – em que o homem estava habilitado a trair sob a justificativa da necessidade de variedade sexual e a mulher deveria restringir sua sexualidade ao casamento. Sabe-se que a revolução industrial havia intensificado esse padrão graças à separação progressiva entre lar e trabalho: a razão e o dinheiro foram associados ao homem e a emoção e o cuidado, à mulher. Por esse ângulo, Giddens chega a atacar diretamente os homens contemporâneos acometi-

dos por ideais românticos regressistas:

[O] romântico não trata as mulheres como iguais. Ele é o escravo de uma mulher particular (ou de várias mulheres em sequência) e constrói sua vida em torno dela; mas a sua submissão não é uma atitude de igualdade. Ele não é realmente um participante da exploração emergente da intimidade, mas, mais que isso, de um regresso a épocas anteriores. O romântico neste momento não é alguém que intuitivamente compreendeu a natureza do amor como um modo de organizar a vida pessoal em relação à colonização do tempo futuro e à construção da auto-identidade. (GIDDENS, 1993, pg. 70)

O domínio emergente da intimidade está diretamente ligado, argumenta Giddens, ao conjunto das habilidades desenvolvidas pelas mulheres na esfera doméstica e que aos poucos ganhou espaço em toda a sociedade. Trata-se das habilidades de comunicação psíquica e de apoio emocional, em contraponto à racionalidade fria e calculista dos homens. Carregadas dessa especialização nas emoções e nos cuidados pessoais, as mulheres acabaram trazendo essas questões para a esfera pública com a sua entrada progressiva no mercado de trabalho.<sup>1</sup> Esse processo, mencionado no livro de Giddens (1993), foi tam-

3. Para Illouz (2011), a dicotomia entre os sexos e suas respectivas competências é transformada com a chegada do “capitalismo emocional”, quando questões de intimidade adentram a arena pública e são reconfiguradas pelo olhar frio e administrativo que ali predomina. Daí porque o título em inglês do livro seja *Cold intimacies*, “intimidades frias” ou “congeladas”, associação que se perde na edição brasileira.

bém explorado por Eva Illouz (2011), que acrescenta a importância do “ethos terapêutico”, propagado ao longo do século XX a partir da obra de Freud e que também contribui para o embaralhamento das fronteiras entre público e privado.<sup>3</sup>

Giddens sustenta que, em certo sentido, o amor romântico ajudou a libertar o vínculo conjugal de laços de parentesco mais rígidos, ao inserir o *eu* e o *outro* numa narrativa pessoal – o romance literário moderno – em que há compartilhamento das projeções de vida, ou “colonização do tempo futuro”, conforme citado acima (1993, pg. 70). Essa narrativa do eu, não obstante, é permeada e alimentada pela imaginação e pela idealização da pessoa amada. E é nisso que reside o perigo do amor romântico. Em última instância, a exacerbação sentimental e a codependência são, segundo a teoria de Giddens, avessas à “democracia da intimidade” e ao projeto de “amar os outros como iguais”, de teor mais imanente e cotidiano.

O autor chama atenção para o fato de que o sentido atual do termo “relacionamento”, denotando um vínculo social que pode ser desligado quando convém, teve sua gênese nesse processo de democratização das decisões humanas. Ao contrário de Bauman, isso é visto com bons olhos. O projeto reflexivo da modernidade, caracterizada pela auto-

referência dos seus sistemas sociais, também se aplica à esfera conjugal. Se agora as pessoas ficam juntas, é por uma questão de liberdade de escolha e de autonomia. Em tese, as pessoas deixaram de ser determinadas por parâmetros “externos” ao indivíduo: parentesco, religião e necessidade econômica – e se ainda o fazem, fazem-no por livre e espontânea vontade.

O aspecto “aberto” da decisão individual, que opera por critérios de auto-identidade, se estende tanto aos domínios afetivos quanto à sexualidade, na medida em que a reflexividade moderna traz maior maleabilidade à conformação do corpo e dos desejos. A sexualidade humana se consolida como uma qualidade dos indivíduos ou como um dos elementos de gestão da vida cotidiana e, por conta disso, irrompe em “sexualidades plásticas”, no plural.

Com efeito, a democratização da vida pessoal, ao trazer à tona uma ética da “negociação transacional de vínculos pessoais” (1993, pg. 11), implica a mudança de ênfase naquilo que é exigido de uma relação. Giddens declara que os gays foram pioneiros a colocar em prática esse tipo de interação anti-tradicional ao se relacionarem em condições de relativa igualdade, enquanto “experimentadores do cotidiano” (GIDDENS, 1993, pg. 150). De modo

4. Talvez seja possível dizer que Giddens se esforça para separar o tipo de racionalidade deliberativa de pressupostos econômicos e capitalistas, ficando apenas com a dimensão política e democrática. A afinidade eletiva entre os âmbitos e modos de formulação é, contudo, bastante perceptível.

semelhante a Bauman, a análise teórica aqui fortalece as convicções pessoais do autor, já que a suposição de uma “democracia da intimidade”, expressão carregada de valoração positiva, acompanha a formulação dos conceitos de *relacionamento puro* e de *amor confluyente*. O relacionamento puro é assim definido:

Refere-se a uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem. (GIDDENS, 1993, pg. 68-69)

O que Giddens em certo sentido não se dá conta é que sua compreensão dos relacionamentos contemporâneos como sendo democráticos reverbera-se por meio de um linguajar contratualista, conforme destaca Eva Illouz (2019, pgs. 146-147). Primeiro, há a busca de uma igualdade jurídico-política entre os amantes, segundo, há a extensão do princípio da utilidade às relações afetivas. Em sua definição de *relacionamento puro*, aparece a ideia de que “ambos os lados saem ganhando”, como se

estivéssemos diante de um *trade-off* do homem econômico, que computa as razões de cada transação. O imaginário das relações contratuais de mercado está implícito na montagem do argumento de Giddens, ainda que o autor coloque na introdução do livro o comprometimento contra um mundo dominado unicamente pela lógica econômica: “Um mundo social em que a realização emocional substituísse a maximização do crescimento econômico seria muito diferente daquele que conhecemos hoje” (1993, pg. 11).<sup>4</sup> Esse teor contratual e calculista é duramente criticado por Bauman, como quando trata do lugar da realização sexual dentro do regime dito democrático:

Agora espera-se que o sexo seja autossustentável e autossuficiente, que ‘se mantenha sobre os próprios pés’, para ser julgado unicamente pela satisfação que possa trazer por si mesmo [...]. Não admira que também tenha crescido enormemente sua capacidade de gerar frustração e de exacerbar a própria sensação de estrangulamento que se esperava que curasse. [...] Os remédios maravilhosos parecem produzir moléstias e sofrimentos não menos numerosos e comprovadamente mais agudos do que aqueles que prometiam curar. (Bauman, 2004, pg. 63)<sup>5</sup>

5. Todas as citações de textos em línguas estrangeiras foram por mim traduzidas.

6. Por outro lado, Giddens reconhece que o amor romântico foi precursor das relações igualitárias atuais, não por seu aspecto de idealização fantasiosa do outro, mas por tornar central a questão da intimidade, da comunicação psíquica e da construção de uma história a dois que requer “compromissos mundanos” (1993, pg. 56).

Bauman enxerga no linguajar contratualista de Giddens, centrado na ideia de negociação da vida pessoal e ilustrado em sua abordagem da sexualidade plástica (BAUMAN, 1998), um certo reflexo da aplicação da lógica mercantil à subjetividade humana, à sexualidade e ao corpo. O conceito de *relacionamento puro* é apresentado com feições de uma transação comercial. O sociólogo britânico, em resposta, talvez diria que as circunstâncias históricas mudaram e o que Bauman qualifica como “líquido” e “frágil” nas relações atuais seria, na verdade, resultado de um processo social de *individualização reflexiva* que as tornou mais “flexíveis”, “maleáveis” e que transformou a natureza do sentimento amoroso. Giddens proclama que não adianta mais apelar ao “amor romântico”, pois trata-se de um modelo ultrapassado de coordenação dos afetos: a devoção exacerbada ao outro é cúmplice de uma divisão hierárquica entre os sexos, da autoridade patriarcal e da separação entre as esferas de ação do homem e da mulher, hoje percebidas como inaceitáveis.<sup>6</sup>

Baseada na comunicação igualitária, negociação dos papéis e abertura ao outro, o ideal da democracia transposto ao universo dos relacionamentos impõe tratar as pessoas como indivíduos autônomos, livres, não dependentes. A “co-dependência” é, para Giddens, um

vício comportamental, repleto de obsessões e ilusões que devem ser mitigadas (1993, pgs. 105-108).

Ao amor que sustenta a igualdade como ponto de partida Giddens dá o nome de *amor confluyente*, posto que os envolvidos confluem na doação e no recebimento emocional. Talvez o constructo teórico de Bauman não dependa tanto assim da complementaridade dos papéis sexuais, conforme pode ser levado a crer pelo seu contraste com a “teoria do amor confluyente” de Giddens. Para além da divisão do trabalho entre os sexos, a teoria de Bauman depende da ideia de responsabilidade pela construção dual do mundo, uma espécie de coletivismo que é dissolvido no projeto reflexivo de Giddens. Há ganhos e perdas em cada uma das concepções.

Ambos os autores diagnosticam o declínio da ordem moral, social e religiosa que inseria o casamento numa “condição natural”, cuja durabilidade era tomada como certa (GIDDENS, 1993, pg. 152). Todavia, Giddens vê esse processo como o triunfo positivo da individualização, instauradora de uma “nova ética do reconhecimento do outro como ser independente” (GIDDENS, 1993, pg. 105). Já Bauman assiste ao mesmo processo com espanto, tendo em vista que o novo individualismo faz as pessoas tratarem os relacionamentos como investi-



7. No capítulo final do livro, Bauman também põe na conta do atual modelo de individualização a falta de empatia pelos grupos sociais marginalizados pela globalização econômica (2004, pgs. 143-183).

mentos ou “ilhas de segurança”, que supostamente solucionariam todos os problemas. Ao depositarem enormes expectativas na vida íntima, geram insegurança e frustração em proporções inéditas. A individualização é aqui negativamente avaliada e, ao invés de implicar em ganho de liberdade, resulta na preponderância do “modo agêntico” de ação heterônima (delegada a outrem e/ou movida por impulsos) e de abdicação da responsabilidade moral (BAUMAN, 2003, pg. 112).<sup>7</sup> Segue abaixo uma tabela com a síntese da teoria do amor dos autores.

**Tabela 1. Duas concepções de amor**

Bauman	Giddens
“vontade de cuidar e de preservar o objeto cuidado”	“um modo de organizar a vida pessoal em relação à colonização do tempo futuro e à construção da auto-identidade”
“amar é abrir-se ao destino”	“um amor ativo, contingente”
“o amor é uma hipoteca baseada num futuro incerto e inescrutável”	“ética do reconhecimento do outro como ser independente”
“responsabilidade moral pelo Outro”	“amar os outros como iguais”
“liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor”	“determinação cooperativa das condições do relacionamento”
“unicidade a dois”	“igualdade na doação e no recebimento emocionais”
“intransponível dualidade dos seres”	“interações que têm de ser constantemente negociadas e cuidadas”
“comunhão de eus secretos baseada em revelações mutuamente estimuladas”	<i>Valores:</i> liberdade, individualidade, autonomia, igualdade, flexibilidade, comunicação psíquica, ética pessoal
“construir pontes para a eternidade”	
<i>Valores:</i> responsabilidade, cuidado, fé, coragem, entrega, compaixão, paciência, transcendência, ética do comum	

Fonte: Elaboração minha a partir de Bauman (2004) e Giddens (1993).



8. A expressão francesa significa “golpe de relâmpago” e remete ao amor à primeira vista.

## 2. A codificação do amor apaixonado

Um fator importante a ser levado em conta na análise das diferentes visões do amor é o trato da paixão. A paixão envolve significados geralmente associados à fase inicial da relação amorosa entre duas pessoas, tida como de intensa atração física e de fantasia. Ou, pelo menos, é o que dizem os imperativos culturais do amor enquanto forma social recente: a paixão deve anteceder o casamento e as outras formas de conjugalidade (LUHMANN, 2010, pg. 27). Acontece que essa maneira de pensar não é natural, nem eterna ou absoluta; ela foi difundida historicamente através de artefatos e criações culturais que fixaram certas expectativas sociais, como as do arrebatamento próprio aos primeiros encontros, o *coup de foudre*<sup>8</sup>.

Em algumas vertentes do lirismo amoroso, a paixão é considerada uma espécie de relâmpago que cai no indivíduo, por força do acaso ou destino, e o sentimento dela decorrente costuma ser qualificado como “um estado incontrolável porém aceitável, logicamente análogo à doença”, conforme aponta o sociólogo norueguês Vilhelm Aubert em “A note on love” (1965, pg. 210). Para Aubert, essa associação entre amor e doença faz sentido quando se entende que o caráter de *segredo* é intrínseco ao amor e que,

para suprimir a culpa e vergonha geradas diante de revelações tão íntimas e carnisais, o sujeito necessita pensar-se e dizer-se acometido por uma espécie de doença inevitável. Com essa metáfora infecciosa, o sujeito passa a ser visto como essencialmente passivo, assujeitado pelo sentimento, e o amor, como um estado patológico, de sofrimento – numa tradição que remonta aos trovadores medievais e à mística cristã (ver Costa, 1998).

Embora grande parte do interesse inicial da sociologia pelo amor tenha se dirigido ao tema da instituição familiar e de suas funções cambiantes, é evidente que o amor na acepção de paixão ultrapassa a família. Aubert (1965) sugere que existem duas grandes tradições de interpretação do amor. A primeira vê o amor como sinônimo da instituição familiar e que, por isso, cumpre funções sociais bastante específicas, tais como casamento, procriação e socialização das crianças. A outra, própria à tradição literária europeia, vê o amor como um sentimento que ultrapassa e ameaça as instituições sociais, em razão do seu caráter “periférico, inusual, dramático e escapista” (1965, pg. 202), ou seja, avesso ao cotidiano. O amor fundado na paixão, dentro dessa segunda tradição, colocaria em suspensão a normalidade das hierarquias sociais e das instituições tradicionais

9. Utilizarei nesta seção tanto o livro de 1982 quanto o curso de verão de mesmo título, ministrado por Luhmann na Universidade de Bielefeld em 1969 e publicado pela Polity Press em 2010. Ao passo que o livro dedica maior espaço à evolução histórica e semântica do código, o curso de 1969 se atém mais ao essencial da função do amor como sistema social que regula a intimidade.

10. Em *O amor como paixão* (1998), Luhmann cita pelo menos cinco vezes “A note on love”, de Aubert, o que evidencia uma certa influência de sua teoria, em especial no tocante à ambiguidade entre atividade e passividade na ação movida pela paixão.

herdadas pela modernidade.

Dizem que a paixão clama à aventura e à loucura, entretanto, o amor que pressupõe paixão se tornou, ele mesmo, uma espécie de convenção e de tradição, uma vez que a literatura, o cinema e a música alimentaram uma “cultura do amor” que tem como cerne exatamente o seu traço disruptivo e avassalador. O suposto caráter excepcional da paixão vira, com sua repetição duradoura na cultura, uma regra geral de conduta, algo acessível enquanto código ou signo a qualquer indivíduo.

O amor romântico é, para Aubert, o complexo semântico que junta as duas linhagens citadas acima, isto é, (i) as funções sociais de normalidade da família e (ii) o efeito socialmente perigoso da paixão, de matriz erótica e carnal. Em suas palavras, “o amor está na raiz dos laços sociais [...] é tanto uma cola quanto uma dinamite social” (AUBERT, 1965, pg. 203). Ao desvencilhar potencialmente os amantes de laços sociais há muito estabelecidos, como parentesco, religião, nação e classe, o amor contribui para a individualização das condutas, argumento também defendido por Simmel (2006), Luhmann (1998), Giddens (1993), Luc Ferry (2012) e outros autores que explicitam a modernidade deste sentimento, que trata os indivíduos *enquanto indivíduos*. No mundo

moderno, os amantes passam a ser detentores da decisão de união conjugal, o que não ocorria alguns séculos atrás e ainda hoje em algumas regiões não-ocidentais.

O instigante trabalho de Niklas Luhmann publicado em 1982, *O amor como paixão: para a codificação da intimidade* (1998), fornece uma explicação de como o amor foi se transformando em *código* ou *meio de comunicação* para as questões pessoais nas sociedades modernas, bastante marcadas pela impessoalidade. Em seu modelo sistêmico, o meio de comunicação antecede os atributos emocionais e individuais da experiência, e são as condições sócio-estruturais da sociedade que desencadeiam as transformações semânticas do código ao longo do tempo (2010, pg. 62; ver KORFMANN, 2002).<sup>9</sup> O complexo de sentido resultante, por sua vez, traz algo de novo ao mundo.

O aspecto passivo e passional do amor mencionado acima seria um dos momentos nessa evolução semântica, na medida em que foi uma tentativa – inerente ao próprio código – de superar as injunções do casamento arranjado e de conveniência apelando ao que escapa à razão e que, exatamente por isso, possibilita a individualização da escolha conjugal.<sup>10</sup> O *coup de foudre* pressupõe uma aceitação irrefle-



11. Vale lembrar que Parsons foi mentor de Luhmann em Harvard durante o ano de 1961. A noção de “meio simbólico generalizado”, de sua autoria, aparece primeiro em dois artigos de 1963 sobre poder e influência.

tida, espontânea e imediata da parte dos amantes – ou seja, em tese contra o interesse racional e a ação estratégica. Na interpretação de Luhmann, a “institucionalização do amor como paixão simboliza a diferenciação societal dos relacionamentos íntimos” (2010, pg. 26), relações que agora se sustentariam por si mesmas, individualmente, sem as obrigações impostas pelos laços comunitários e tradicionais. Trata-se, em suma, do processo de individualização das sociedades e de como o amor cumpre uma determinada função nesse processo. Nas palavras do autor: “O simbolismo da paixão é utilizado para encobrir – isto é, para proteger e ao mesmo tempo ocultar – as liberdades institucionalizadas” (LUHMANN, 2010, pg. 26).

Ao lado do poder, do dinheiro e da verdade, o amor é para Luhmann um dos *códigos* centrais da modernidade, sendo a porta de entrada para o novo “sistema social da intimidade”. Ele permite que as pessoas – consideradas idiossincráticas e irreduzíveis – interajam através de um *meio de comunicação* partilhado e possam acessar a experiência do outro sem aniquilar a si mesmas. Se Georg Simmel já havia notado o enorme espaço de jogo aberto pela vida urbana moderna para a individualização psíquica (2005, pg. 587), Luhmann continua a tarefa de

analisar como isso acontece por intermédio de *operações comunicativas*, que para o autor constituem a matéria-prima dos sistemas sociais.

O amor, por esse ângulo, nada mais é do que uma matriz semântica, uma forma cultural ou um conjunto de instruções comunicativas para estimular relações interpessoais densas. Seguindo o vocabulário de Talcott Parsons, o amor é definido como “um meio simbólico generalizado de comunicação especificamente dirigido ao aperfeiçoamento do tratamento comunicativo da individualidade” (LUHMANN, 1998, pg. 14).<sup>11</sup> De início, ele se difundiu regional e globalmente através da literatura impressa e, mais tarde, através do cinema, da televisão e das mídias digitais.

A sexualidade cumpriu, em certo período e ainda hoje, o papel de “mecanismo simbiótico” do código amoroso (LUHMANN, 1998, pg. 27), pois fornece o ponta pé inicial para qualquer relacionamento de cunho romântico e passionais. Esse mecanismo faz com que o aspecto mais abstrato do amor, enquanto forma social que trata de intimidades compartilhadas, seja ligado a processos físicos e orgânicos, trazendo um pouco da inexorabilidade da “coisa mesma” e de sua fatal imediatez. Com a junção entre sentimento e sensualidade trazida pelo *amour pas-*



12. O que nos leva a crer que a frase que Romeu dirigiu à Julieta na sacada de sua casa foi premonitória dos desdobramentos posteriores do código, quando ela pergunta “Quem o guiou para vir até aqui?”, e ele responde: “O amor, que me obrigou a procurar” (SHAKESPEARE, 2011, pg. 51).

*sion* francês e depois pelo romantismo, qualquer interesse amoroso passa, então, a ser marcado e sinalizado pela acentuação sexual. Numa única expressão, cria-se o domínio da “intimidade baseada na sexualidade”, como designa Luhmann, sendo o beijo dos amantes a metáfora perfeita para esse processo interpessoal encarnado, uma vez que nele “penetrar e ser penetrado são uma única e mesma coisa, unidade de dar e receber” (WAIZBORT, 2008, pg. 252).

Ao invés do exagero, do excesso e da instabilidade do antigo *amour passion* extraconjugal, o amor romântico do casal burguês suaviza e pacifica a atmosfera passional (LUHMANN, 1998, pg. 148). Do século XVIII em diante, a progressiva institucionalização do “amor apaixonado” tentou conjugar o sentimento, a sexualidade e o casamento em um mesmo espaço, o da família nuclear moderna. Abriu-se com isso mais espaço para a troca duradoura de intimidades. Segundo Luhmann, as relações íntimas são caracterizadas pela “interpenetração interpessoal” (1998, pg. 158), significando que o sujeito que ama abaixa seu “patamar de relevância” em relação ao outro e, como resultado, tudo aquilo que o outro considera relevante também o é para si mesmo. O amante organiza o seu próprio agir de acordo com o que o amado sente, e vice-versa: *ego* e *alter* intercambiam posições o tempo

todo (WAIZBORT, 2008, pg. 249). As trocas comunicativas se tornam mais frequentes e densas.

A semântica do amor continuou a evoluir de modo a depender cada vez menos das características sociais dos amantes ou dos atributos do “objeto amado”: beleza, riqueza, virtude, juventude (1998, pg. 138 e 163; 2010, pg. 34). Esses universais saem de cena em favor de uma dessubstancialização do amor, daí em diante mais apoiado nas ações concretas do “sujeito amoroso” diante da pessoa amada (1998, pg. 133-134; ver KORFMANN, 2002, pg. 85). A autorreferencialidade do código se torna decisiva para fazer do “amor pelo amor” a única causa necessária do apaixonamento e do vínculo criado com o outro.<sup>12</sup> Na fase do paradoxo, a paixão havia sido “ativada, por assim dizer, para se tornar o motivo da ação apaixonada” (1998, pg. 61), esvaziando de responsabilidade aquele que ama e que sofre com tal “destino”. Contudo, essa “externalização” da motivação das ações em prol do sentimento exaltado e de uma imagem-fantasia do outro, com o passar do tempo, para de funcionar e se torna culturalmente insuficiente. Além disso, a valorização da individualidade e da expressão de si na época moderna deu relevo à faceta mais ativa do amor e deixou um pouco de lado a antiga metafísica do objeto amoroso:



Quanto mais individual o elemento pessoal ia sendo concebido, mais improvável se tornava encontrar parceiros *possuindo as características esperadas*. A iniciação e a justificação da escolha de um parceiro não podiam mais se basear nessas características, e então foram transpostas para os símbolos do meio de comunicação, isto é, para a reflexividade do amor e para a história de desenvolvimento do sistema social para os laços íntimos. (LUHMANN, 1998, pg. 134)

Essa transformação radical significou a generalização do código para toda a população, não sendo mais restrito aos grandes amantes e aos mestres na arte da sedução, nem aos “bons, belos, nobres ou ricos” (1998, pg. 138). O amor como código se dirige também ao *eu* e *tu* dos amantes anônimos, quaisquer que sejam seus atributos físicos e morais. O amor aparece, então, como um fim em si mesmo: “love for the sake of love” (1998, pg. 138). Todos podem amar e ser amados. E com isso o argumento de Luhmann chega ao seguinte extremo:

O amor se torna um mecanismo reflexivo [...] É aplicado a si mesmo antes de escolher um objeto para si. A pessoa ama amar e, por conseguinte, ama alguém a quem se possa amar. (LUHMANN, 2010, pg. 32).

Ao invés de ser relegado ao terreno do inefável, o amor é para a sociologia socialmente aprendido, uma competência emocional e cognitiva específica, um “modelo de comportamento” (1998, pg. 20) que está sempre em conflito devido às sucessivas transformações de seus símbolos. Em seu longo processo de autoconstituição – com a ajuda da literatura, da poesia e de toda a conceituação imanente à cultura – o amor não foi capaz, contudo, de aniquilar uma tensão essencial em seu interior, a saber: se a *paixão* como símbolo primário do amor é capaz de “fazer justiça a essa sutil percepção [do abismo infinito entre duas pessoas e da necessidade contínua de comunicação] complementar aos relacionamentos humanos, porém indispensável para manter o amor vivo” (2010, pg. 59).

### 3. Disjunções contemporâneas

Foi Roland Barthes, em *Fragments de um discurso amoroso* (2003), quem melhor criticou a falta de unidade e sustentação do discurso amoroso no contemporâneo. Ele diz o seguinte: “Tal discurso talvez seja falado por milhares de sujeitos (quem pode saber?),



13. Apesar do modelo romântico ter sido fundado a partir do casal heterossexual, ele também foi estendido aos amantes do mesmo sexo, trazendo implicações semânticas que não cabe aqui analisar. Enquanto mito, ele apresenta um conjunto similar de demandas a todos os amantes. Contudo, existem sim tensionamentos e reações conflituosas a partir de diferentes posições de gênero e orientações sexuais (ver ROSENEIL, 2006; JÓNASDÓTTIR; FERGUSON, 2013).

mas não é sustentado por ninguém; é completamente relegado pelas linguagens existentes, ou ignorado, ou depreciado ou zombado por elas, cortado não apenas do poder, mas também de seus mecanismos (ciência, saberes, artes).” (2003, pg. XV). Sua tarefa no livro foi juntar os cacos e fragmentos desse discurso e fazer uma potente enunciação de suas *figuras*, que entrelaçadas montam uma “enciclopédia da cultura afetiva” (2003, pg. XXII). A carta de amor, a fofoca, o eu te amo, a espera, a experiência de desrealidade e o querer entender são algumas dessas cenas de linguagem por ele narradas.

O mais interessante é quando, lá pelas tantas, o autor afirma que houve uma reviravolta histórica em que “não é mais o sexual que é indecente, é o *sentimental*” (2003, pg. 271). Para Barthes, a sentimentalidade própria do amor constitui, no lugar da transgressão carnal, o “obsceno” dos tempos atuais. No contexto em que ele publicou o livro, em 1977, o Ocidente sofria as consequências diretas da chamada “revolução sexual” nos costumes e fazia ainda mais sentido decretar, como ele o faz, que “o sentimento amoroso está fora de moda” (2003, pg. 273). O que o semiólogo francês não percebeu é que o que estabelece o elo entre todas aquelas *figuras* em aparente “desordem” é, na verdade, uma concepção específica

de amor. É o amor *como paixão*, e não o discurso amoroso em geral, que está sendo ameaçado.

Esse ponto ressoa no diagnóstico de Luhmann sobre o estado atual do código amoroso, que se dirige cada vez menos ao ideal romântico da idealização do outro, do sentimentalismo e do conceito de alma-gêmea ou parceiro ideal.<sup>13</sup> Ele afirma: “não há mais nenhum vestígio da tradição do *amour passion*” (LUHMANN, 1998, pg. 159). Dito de outro modo, a paixão deixou de ser o símbolo primário do amor e com ela se vai toda a semântica do excesso, do ardor e da extravagância do sentimento. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que a sexualidade se descola do sentimento e passa a estar mais ligada às práticas reflexivas de indivíduos que buscam maior autonomia e identidade no cotidiano, talvez uma herança da contracultura e da promessa de “libido pacífica e desimpedida moralmente” (FARIAS, 2019).

Por conta dessa disjunção, hoje “as narrativas do amor e as narrativas do sexo são legitimamente construídas como narrativas de vida separadas e paralelas que podem ou não convergir” (ILLOUZ, 1998, pg. 166). A liberação gradual das relações sexuais do controle social contribuiu para fazer com que a tríplice romântica do amor, casamento e sexualidade se dissolvesse no horizonte das expectativas sociais:



A ideia de um anseio longo e demorado por completude [e a espera sexual a ele vinculada] nos parece hoje ridícula. No entanto, os laços e impressões deixados na pessoa por uma relação sexual só trazem infelicidade. A tragédia não é mais que os amantes não conseguem se encontrar, mas que as relações sexuais produzem amor e que não se pode viver nem de acordo com ele nem livre dele. (LUHMANN, 1998, pg. 160)

Se Luhmann (2010) em 1969 acreditava que a sexualidade continuava sendo uma boa base para a construção do vínculo interpessoal duradouro, as dúvidas do autor são mais intensas no livro de 1982 e repercutem em maior incerteza quanto ao diagnóstico final: “a sexualidade não é mais um símbolo adequado para a interpenetração” (1998, pg. 160). Embora a sexualidade ainda permaneça um importante gatilho para o início dos relacionamentos, o código do amor se vê crescentemente devotado à “nova semântica da intimidade”, baseada na diferença binária e simples entre relações pessoais e impessoais. Acompanhando Simmel, quando este afirma que “é o indivíduo em sua integridade que ama” (2006, pg. 184), Luhmann vai defender que é apenas nas relações íntimas que “o indivíduo pode ou não imergir todo o seu eu” (1998, pg. 152), diferentemente dos papéis

mais formais e impessoais que exerce na sociedade. Diante disso, abre-se um espaço para novos conteúdos e para “símbolos do amor” que não os da paixão e do *pathos* romântico.

No decorrer do século XX, há um declínio da plausibilidade do ideal do amor romântico (1998, pg. 152), diz Luhmann, até pelo fato de a paixão ter se mostrado um “princípio sistêmico excessivamente instável” (2010, pg. 50). A paixão é substituída por outros produtos da história cultural do código, isto é, de sua autorreferência, de sua diferenciação enquanto sistema propiciador de intimidades (ver RÜDIGER, 2012). Além do mais, a sexualidade e a divisão sexual estão sendo reconfiguradas na sociedade como um todo. De um lado, há a maior permissividade no que diz respeito às relações sexuais pré-nupciais e sem compromisso, de outro lado, há um maior nivelamento dos papéis sexuais. Isso implica uma remodelação completa do código amoroso, que não se dá mais por satisfeito com “a desorientação ideológica do amor romântico”, conforme aparece ao senso comum (1998, pg. 151).

O amor é visto, cada vez mais, como um problema prático (LUHMANN, 1998, pg. 155), pensado a partir da liberdade dos indivíduos de moldar os relacionamentos com a própria visão e com maior flexi-



bilidade. A nova semântica, ainda em formação, traz elementos e valores projetados pelo *ethos* terapêutico: “performance”, “capacidade de aperfeiçoamento”, “sinceridade”, “compreensão mútua”, “espontaneidade” (1998, pg. 160 e ss.). O resultado disso é sintetizado por Luhmann:

[O] que se procura no amor e nos relacionamentos íntimos é antes de tudo *a validação do auto-retrato*. Não é tanto a questão do amante superestimar ou idealizar o amado. O amado, que é continuamente invocado a ser melhor e que experimenta de modo incessante a discrepância entre isso e a realidade, tende a achar [a idealização] um tanto desagradável, pelo menos no longo prazo. (LUHMANN, 1998, pg. 165)

Acontece que a história nunca é retilínea. Em um mesmo contexto convivem formas culturais e temporalidades distintas. O ideal romântico ainda é um modelo de orientação amplamente propagado em nossa cultura e coexiste com as suas críticas. A autonomização da sexualidade individual está de fato em curso, mas o imaginário da paixão arrebatadora, da fusão (*unio mystica*), da exclusividade conjugal, do amor à primeira vista, do amor infinito, da força do acaso e do encontro entre o espiritual e o

carnal ainda persistem como promessas na sociedade atual. Seria possível um amor sem paixão? Como iniciar uma relação de intimidade amorosa e como fazê-la perdurar no tempo?

Vimos que a sociologia dos códigos comunicativos de Niklas Luhmann aproximou o tema do amor ao da autoidentidade e da partilha de intimidade, enquanto Giddens e Bauman foram autores que, diante das questões colocadas acima, buscaram reformular os referenciais teóricos do idealismo conjugal, incorporando alguns elementos românticos e outros mais afins ao individualismo contemporâneo de teor reflexivo e pragmático. Numa resenha sobre o livro *O amor como paixão* de Luhmann, o próprio Bauman reconhece a extrema dificuldade de conciliar as demandas acumuladas ao longo da história do amor:

A interpenetração interpessoal nunca pode ser inteiramente efetuada, pois é uma meta atravessada por demandas contraditórias. [...] Uma demanda é estar “em sintonia” com a outra pessoa (p. 162); outra é procurar no relacionamento a validação da nossa auto-imagem. Dessa forma, a interpenetração interpessoal é sobrecarregada de maneira irremediável com expectativas que não podem ser atendidas todas ao mesmo tempo. (BAUMAN, 1988, pg. 1241)



### Considerações finais

Quando a semântica do amor se dissocia do casamento e a sexualidade deixa de servir como motor seguro da construção de vínculos mais profundos, a situação muda radicalmente de feição em relação ao imaginário romântico convencional. Esse é o contexto atual. O código amoroso se encontra fragmentado e desacreditado de suas antigas certezas, sobretudo aquelas referentes ao amor apaixonado, prenhe de sofrimento autoinfligido e “desejo de permanecer acorrentado” – do qual fazia parte tanto o amor romântico dirigido ao casamento quanto o *amour passion* de natureza erótica e libertina. “O amor em nosso tempo deve caminhar sem a paixão”, esclarece Bauman ao dissertar sobre a obra de Luhmann (1988, pg. 1243). Não sem hesitação, diferentes autores já apontaram para o esgotamento da concepção romântica de amor no Ocidente (ROUGEMONT, 1971; LUHMANN, 1998; ILLOUZ, 1998), que se evidencia seja no declínio do gênero de “drama romântico” no cinema (DOWD; PALLOTTA, 2000), seja na diversificação das conjugalidades e das sexualidades contemporâneas (ABOIM, 2009; ROSENEIL, 2006).

Se o amor foi um dos códigos “criados para dar vazão e expressão à interioridade” (WAIZBORT, 2008, pg. 248), o sistema que ele sustenta continua se adap-

tando à complexidade crescente do mundo e hoje é palco de importantes disputas culturais. Neste momento histórico, demandas múltiplas e contraditórias estão sendo geradas, como as que podemos extrair do contraste entre as teorias de Giddens e Bauman. As duas visões teóricas são expressivas dos valores vigentes na sociedade atual e ao operarem como modelos de orientação amorosa, manifestam tensões insolúveis. Enquanto Bauman apela para a responsabilidade da entrega ao amor, que busca transcender o imediato e criar algo duradouro no mundo, Giddens evoca a negociação democrática da convivência, com foco no respeito ao outro enquanto indivíduo autônomo que me ultrapassa. De um lado, tem-se o antigo mote da “unicidade a dois”, de outro, o ajuste rotineiro entre liberdades individuais irreduzíveis umas às outras. Seria possível uma conciliação entre essas duas visões? Ou são tensionamentos que apontam para o impossível? “Como o amor que une se pode pôr de acordo com a liberdade que separa?”, pergunta o filósofo Pascal Bruckner (2011, pg. 17). Sociologicamente, talvez seja cedo demais para responder. O amor como código irá continuar se transformando e nós, amantes que também desejam ser amados, estaremos sempre à espera de seus novos artifícios ou, ainda, de sínteses que sejam capazes de reinventar toda a sua potência.



## Referências Bibliográficas

ABOIM, Sofia. “Da pluralidade dos afetos: trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 70, 107-122, 2009.

AUBERT, Vilhelm. “A note on love”. In: **The Hidden Society**. Totowa: Bedminster Press, 1965.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. “Review - Love as passion: the codification of intimacy. Niklas Luhmann”. **American Journal of Sociology**, v. 93, n. 5, 1240-1243, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. “On postmodern uses of sex”. **Theory, Culture & Society**, v. 15, n. 3-4, 19-33, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BRUCKNER, Pascal. **O paradoxo amoroso: ensaio sobre as metamorfoses da experiência amorosa**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

CASTRO, Eduardo Viveiros de; ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. “Romeu e Julieta e a origem do Estado”. In: VELHO, Gilberto (org.) **Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte**, 130-169. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.



COSTA, Sérgio. “Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia”. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 73, 111-124, 2005.

DEL PRIORE, Mary. “Pequena história do amor conjugal no Ocidente Moderno”. **Estudos de Religião**, v. 21, n. 33, 121-135, 2007.

DOWD, James J.; PALLOTTA, Nicole R. “The end of romance: the demystification of love in the postmodern age”. **Sociological Perspectives**, v. 43, n. 4, 549-580, 2000.

FARIAS, Edson. “Hair – Let the Sunshine In e a nostalgia das disposições utópicas como sintoma pós-modernista”. In: FARIAS; Edson; NERY, Salete (orgs.) **Durações e redes de fluxos no cenário cultural contemporâneo**. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.

FERRY, Luc. **A revolução do amor: por uma espiritualidade laica**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GIDDENS, Anthony. “A vida em uma sociedade pós-tradicional”. In: GIDDENS, Anthony; LASH, Scott; BECK, Ulrich (orgs.) **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: UNESP, 2012.

ILLOUZ, Eva. “The lost innocence of love: romance as a postmodern condition”. **Theory, Culture & Society**, v. 15, n. 3-4, 161-186, 1998.



ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ILLOUZ, Eva. **The end of love: a sociology of negative relations**. New York: Oxford University Press, 2019.

JÓNASDÓTTIR, Anna G.; FERGUSON, Ann. (orgs.) **Love: a question for feminism in the twenty-first century**. Routledge, 2013.

KARNAL, Leandro. Você ama? **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 5 abril 2020.

KORFMANN, Michael. “O romantismo e a semântica do amor”. **Fragmentos**, n. 23, 83-101, 2002.

LUHMANN, Niklas. **Love as passion: the codification of intimacy**. Stanford: Stanford University Press, 1998.

LUHMANN, Niklas. **Love: a sketch**. Cambridge; Malden: Polity Press, 2010.

ROSENEIL, Sasha. “Viver e amar para lá da heteronorma: Uma análise *queer* das relações pessoais no século XXI”. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 76, 33-51, 2006.

ROUGEMONT, Denis de. “A crise do casal moderno”. In: ANSHEN, Ruth Nanda (org.) **A família: sua função e destino**. Lisboa: Editora Meridiano, 1971.

RÜDIGER, Francisco. “O amor no século XX: romantismo democrático *versus* intimismo terapêutico”. **Tempo Social**, v. 24, n. 2, 149-168, 2012.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.



**MAURICIO PIATTI LAGES**

SIMMEL, Georg. “As grandes cidades e a vida do espírito”. **Mana**, v. 11, n. 2, 577-591, 2005.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SIMONNET, Dominique [*et al.*]. **A mais bela história do amor: do primeiro casamento na pré-história à revolução sexual no Século XXI**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

WAIZBORT, Leopoldo. “O beijo dos amantes”. In: BUENO, Maria Lucia; CAMARGO, Luiz Octávio de Lima (orgs.) **Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento na ciência social e na ciência política**. São Paulo: Ática, 2006.